COMENTÁRIO AO EVANGELHO DAS MISSAS COTIDIANAS

Coleção **Liturgia da palavra**

- *Liturgia da Palavra I: reflexões para os dias de semana,* Pe. José Carlos Pereira
- *Liturgia da Palavra II: reflexões para os domingos, solenidades, festas e memórias,* Pe. José Carlos Pereira
- *Comentário ao Evangelho das missas cotidianas*, Pe. José Raimundo de Melo

Pe. José Raimundo de Melo

Comentário ao Evangelho das missas cotidianas

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Pe. Jakson Ferreira de Alencar*
Assistente editorial: *Cristiane Barbosa Cardoso*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *Caio Pereira*
Coordenação de design: *Elisa Zuigeber*
Capa e diagramação: *Paulo Cavalcante*
Imagem da capa: *iStock*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Melo, José Raimundo de
Comentário ao Evangelho das missas cotidianas / José Raimundo de Melo. - São Paulo : Paulus, 2023.
(Coleção Liturgia da Palavra)

ISBN 978-85-349-5250-7

1. Liturgia - Igreja Católica 2. Missas I. Título II. Série

23-5616 CDD 264

Índice para catálogo sistemático:
1. Liturgia - Igreja Católica

Conheça o catálogo PAULUS acessando:
paulus.com.br/loja, ou pelo QR Code.
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5250-7

INTRODUÇÃO

Quando o Concílio Vaticano II, de maneira sábia e feliz, concebeu a realização de sua reforma litúrgica, determinou, entre outras coisas, que a Palavra de Deus voltasse a ocupar o centro da vida da Igreja. Assim, os fiéis poderiam se aproximar de forma direta e frutuosa do inestimável tesouro da mensagem divina que a Sagrada Escritura encerra, celebrando-a nas diversas ações litúrgicas da comunidade, além de lê-la e meditá-la de forma particular. Afinal, cada cristão tem direito de conhecer em profundidade a Palavra de Deus e necessidade de vivê-la, para também ser capaz de responder aos apelos que o Senhor lhe dirige, conformando toda a existência a sua santa vontade. Para que isso se faça realidade, a Bíblia precisa se tornar bem próxima da vida do cristão. A Igreja, de sua parte, deve proporcionar aos fiéis os meios necessários para que tal intimidade se faça bem concreta.

Hoje em dia, inumeráveis traduções dos livros das Sagradas Escrituras colocadas ao nosso dispor pelas editoras católicas facilitam muito o contato do povo com a palavra inspirada. Também os sagrados pastores não deixam de estimular sempre mais os cristãos no sentido de que adquiram a Bíblia e a leiam com frequência. Ao mesmo tempo, a Igreja se esforça em promover, seja nas missas, seja na celebração dos demais sacramentos, uma escuta mais perfeita e uma digna celebração das principais passagens dos textos sagrados. Todavia, sabemos que, graças a sérias vicissitudes históricas, nem sempre a relação do fiel católico com o livro da Palavra de Deus foi devidamente garantida ou facilitada por parte da hierarquia da Igreja.

Quando a invenção da imprensa, unida ao clima cultural do humanismo e à Reforma Protestante, possibilitou a aproximação do fiel à Bíblia, em âmbito católico não houve uma correspondente preocupação no sentido de fornecer aos fiéis uma aproximação significativa ao texto sagrado das Escrituras. Temia-se, na verdade, uma possível difusão de heresias oriundas da livre interpretação da Bíblia, e, de outra parte, não se conseguia compreender por que a leitura da Bíblia era necessária à salvação dos fiéis. O conhecimento da Escritura, desse modo, continuou reservado ao clero, enquanto os leigos se contentavam com raras informações obtidas através de seus pastores, nas pregações e no catecismo, já que, nas missas, eram proclamadas poucas e repetidas passagens escriturísticas, e, além do mais, sempre em língua latina.

Durante séculos, a pregação e a catequese não conseguiram pôr à disposição do povo uma mesa mais abundante da Palavra de Deus, e nem mesmo se conseguiu demonstrar que a Palavra revelada é, antes de tudo, a primeira catequese do cristão e a garantia inabalável de sua fé. Assim, tivemos que esperar o Concílio Vaticano II e todos os grandes movimentos que o prepararam, até que a palavra escriturística fosse compreendida como regra da fé, e de toda a vida cristã, e o texto das Sagradas Escrituras ocupasse um lugar justo nas mãos do povo fiel.

Procurou-se esclarecer, sobretudo, o primado da Palavra revelada na vida da Igreja, pois esta retira da escuta da Palavra de Deus a seiva vital para sua existência. Mas, como não é possível mudar costumes arraigados por meio de simples

decretos e disposições hierárquicas, até hoje percebe-se que o povo cristão ainda não conseguiu aproximar-se suficientemente da palavra contida nas Santas Escrituras. Por isso, prossegue atualíssimo o importante trabalho eclesial de fazer que a Bíblia se torne vida em nossas vidas e seja capaz de iluminar toda a nossa existência.

A presente publicação, oferecendo para cada dia um breve comentário da palavra do Evangelho da missa, pretende promover maior aproximação entre a Bíblia e o fiel cristão, entre a mensagem da Escritura e a terra capaz de fazê-la frutificar com abundância. Para isso, supõe sempre a leitura do texto do Evangelho do dia, enquanto procura apresentar de forma clara e sucinta o tema diário, esforçando-se para que a palavra humana não obscureça ou ponha em segundo plano a mensagem divina. Em cada comentário, propositalmente, fala-se pouco, e deixa-se mais o texto bíblico falar, para que o próprio Senhor possa continuar discorrendo e iluminando as mentes e os corações de seus fiéis. Convém ter presente que a missão de fazer compreender integralmente a mensagem é tarefa imprescindível do Espírito Santo do Senhor, o qual, trabalhando em nós e na palavra, permite acolher o divino anúncio e o leva a produzir frutos no dia a dia da vida.

As homilias aqui presentes pretendem provocar a *lectio divina*, ou seja, uma leitura espiritual, orante, substancial e integral da Sagrada Escritura, proporcionada pela iluminação do Espírito Santo, capaz de integrar o apelo do texto sagrado com o apelo existencial e vital feito por Deus a cada cristão. Assim, a mensagem divina torna-se pão vivo capaz de saciar a fome de Deus que atinge o ser humano, e nutrição necessária para sua existência enquanto prossegue nesta terra.

Este trabalho deseja pôr-se em consonância com a *Introdução ao lecionário da missa*, edição de 1981, na qual se expõe de maneira magnífica a ação da Palavra de Deus em meio à assembleia celebrante. As homilias apresentadas serão mais integralmente compreendidas à luz deste importante texto, que permite ver como Deus trabalha, por meio do seu santo Espírito, seja no que anuncia, seja no que escuta, acolhe, celebra, e quando pratica a mensagem das Santas Escrituras. Tal introdução, que se faz presente no início dos vários lecionários da missa, pode ser encontrada também em opúsculos à parte nas diversas editoras católicas (cf. *Ordo Lectionum Missae, Praenotanda* [*Elenco das leituras da missa, introdução*], segunda edição, 1981).

No livro, iniciando cada novo tempo litúrgico, apresentamos uma breve introdução ao período, no sentido de situar melhor o leitor nos diferentes momentos celebrativos da Igreja. Isso o ajudará enormemente a sentir com a Igreja e a compreender que, em cada tempo do ano litúrgico, Deus nos fala de maneira concreta, própria e peculiar. Esclarecemos também que as diversas homilias feriais aqui contidas seguem a disposição normal do Missal Romano semanal. Dessa forma, o último capítulo corresponde às solenidades, festas e memórias do Senhor, da Virgem Maria e dos santos celebradas em dias feriais. Por fim, tenha-se presente que, sempre que um texto do Evangelho é repetido ou um texto paralelo a ele já tenha sido anteriormente comentado, o leitor é prontamente reenviado para o local em que esse comentário se encontra.

Queira Deus este nosso trabalho, elaborado com simplicidade, mas repleto de amor, possa atingir seu objetivo principal: promover uma aproximação maior entre a santa Palavra de Deus e a vida diária do povo cristão, levando cada irmão e cada irmã a fazer, da mensagem divina, saboroso alimento que sustenta e dá sentido a toda a sua existência!

Pe. José Raimundo de Melo
Na festa litúrgica de Todos os Santos e
Santas de Deus.

ADVENTO

INTRODUZINDO O ADVENTO

Estrutura litúrgica do Advento: o Advento é um tempo maravilhoso, marcado por duplo caráter: celebra, de um lado, a espera do Salvador na glória e, de outro, sua vinda na carne. Tal realidade permanece bem evidenciada nas leituras bíblicas das missas nesse período.

No primeiro domingo do Advento, somos orientados para a conclusão dos tempos; o segundo e o terceiro domingos chamam a atenção para o Senhor que vem para nós; e o quarto domingo nos dispõe para o nascimento de Cristo. Na liturgia da semana, observamos duas tendências claras: na primeira parte do Advento, isto é, do início até o dia 16 de dezembro, são apresentadas as características do Reino de Deus e as condições para nele entrar; na segunda parte, de 17 a 24 de dezembro, somos preparados diretamente para o Natal. As duas leituras da semana desse tempo, a do profeta e a do Evangelho, apresentam sempre o Antigo Testamento anunciando algo e o Novo Testamento cumprindo aquilo que foi anunciado.

Figuras-modelo do Advento: o Advento nos oferece quatro figuras bíblicas bastante características:

1) Isaías: contado entre os grandes profetas, Isaías apresenta a magnífica esperança que confortou o povo eleito em seus momentos difíceis, sobretudo por ocasião do exílio da Babilônia. Deus vai libertar o povo, cumprindo sua promessa.

2) João Batista: o último dos profetas encarna bem o espírito do Advento, por ser sinal da intervenção de Deus em favor do povo. Ele prepara os caminhos do Senhor pela conversão e indica Cristo já presente. João Batista é modelo daqueles que são totalmente consagrados ao Senhor.

3) Maria: figura de quem espera e recebe com fé o mistério da salvação. Em Maria, o Filho de Deus assumiu a natureza humana para nos libertar. No Advento, recorda-se também a divina maternidade de Maria: no mistério do Advento e da encarnação, ela une Deus ao homem.

4) São José: emerge também no Advento a figura humilde do esposo de Maria, em sua missão de pai legal de Jesus. José aí é o "homem justo" e o modelo, seja do "pobre", seja de quem se dedica completamente a Deus.

Espiritualidade do Advento: o Advento é todo marcado por uma rica espiritualidade:

1) Expectativa vigilante e alegre do Salvador: o Advento é tempo de expectativa alegre, porque aquilo que se espera certamente acontecerá. No Advento, ressoam em abundância as promessas de Deus que, atingindo o povo da primeira aliança, faz exultar toda a Igreja. Assim, o olhar da comunidade vai se fixar na consumação final, a vinda gloriosa do Salvador:

Maranatha! Vem, Senhor! A liturgia quer que a alegria desse tempo não só seja recordada pelos cristãos, mas sobretudo vivida em profundidade. Isaías anuncia uma grande alegria (Is 9,2); o deserto exultará (Is 35,1); os céus triunfarão, a terra se alegrará (Is 44,23; 49,13); os prisioneiros libertados chegarão a Sião gritando de alegria (Is 35,9; 51,11). O Batista, diante do Cristo presente no seio de Maria, salta no ventre materno.

2) Esperança: doando seu Filho, Deus doa também a esperança ao mundo. Sem Cristo, os homens ficariam sem esperança (cf. Ef 2,12), porque ele é a nossa esperança (cf. 1Tm 1,1). Em Cristo, Deus elevou-nos acima de nossa miséria. O Advento fomenta uma esperança forte, paciente, que aceita a provação, a perseguição e a lentidão no crescimento do Reino. Por isso mesmo, grande símbolo desse tempo é o Salmo 24: "A ti, Senhor, elevo a minha alma; em ti confio, meu Deus" (v. 1).

3) Conversão: não pode haver esperança e alegria sem a volta ao Senhor de todo o coração. A vigilância requer prontidão no seguimento, sobriedade, abandono de tudo o que possa desviar da espera do Mestre e, por isso, desapego dos prazeres mundanos. São Paulo convida a sair do sono e a estar preparado, porque a salvação agora está bem perto (cf. Rm 13,11-14).

4) Pobreza: a espiritualidade do Advento é marcada também pela figura do pobre. Pobre, aqui, não só em sentido econômico, mas, sobretudo, em sentido bíblico, isto é, aquele que confia em Deus e só nele se apoia. Uma forma bem concreta de o cristão viver a pobreza se dá através da dedicação ao trabalho. Todos se submetam à lei comum do trabalho, sem esquecer a admirável providência divina (cf. Mt 6,25). Deve-se, ainda, socorrer com os bens materiais as necessidades dos irmãos em Cristo e o sustento dos pobres, a quem todos precisam amar como ao próprio Senhor (cf. Mt 19,21; 25,34-46; Tg 2,15-16; 1Jo 3,17).

Segunda-feira da 1ª semana do Advento

📖 (Mt 8,5-11)

Jesus, Filho do eterno Deus, foi enviado, em primeiro lugar, para cuidar das ovelhas da casa de Israel. Mas, ao longo de sua atividade nesta terra, reconhecendo-se servo de todos, também atendeu a diversas pessoas pertencentes a outros povos e nações que o invocaram em suas necessidades. Assim, ele nos revelou o rosto de um Deus atento a seus filhos e capaz de se compadecer diante das dores concretas da humanidade.

Conforme o Evangelho de hoje, um oficial romano – portanto, um pagão – implorou a Jesus a cura de seu servo, gravemente enfermo. Como Jesus manifestou o desejo de ir à casa dele para curar o servo, o oficial fez, diante do Senhor, uma declaração de tamanha humildade que chegou a comovê-lo profundamente. Ainda hoje encontramos pessoas próximas a nós que, embora declarem não ter fé, são capazes de atos heroicos para com o próximo, que chegam a nos surpreender.

Nas curas praticadas por Jesus, quase sempre é ele que vai ao encontro de quem precisa. Aqui, ao contrário, foi um soldado estrangeiro, opressor da nação israelita e homem de cultura e religião diferentes da judaica, que solicitou a ajuda. Talvez ele nem soubesse quem Jesus era, e foi levado apenas pelo desejo de que ele curasse seu servo.

Jesus se maravilha que o centurião pede não para si, mas para o empregado. E se maravilha ainda mais com a manifestação de fé dele, cujas palavras ficaram eternizadas no momento da comunhão da missa: "Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa. Dize uma só palavra, e meu empregado ficará curado". E o centurião ainda acrescenta: "Pois eu também sou subordinado e tenho soldados sob minhas ordens. E digo a um: 'Vai!', e ele vai; e a outro:

'Vem!', e ele vem; e digo a meu escravo: 'Faze isto!', e ele o faz".

Jesus se admira e declara nunca ter encontrado em Israel tamanha fé. E nós, que somos cristãos, será que demonstramos diante do Senhor uma fé semelhante à desse oficial romano?

Terça-feira da 1ª semana do Advento

📖 (Lc 10,21-24)

Os 72 discípulos, ao retornar da missão que lhes fora confiada pelo Senhor, exultam de alegria diante do sucesso nela obtido. E Jesus, solidário com a vitória deles, formula a Deus essa maravilhosa oração que o evangelista Lucas propõe hoje à nossa reflexão. O imenso contentamento que invade o íntimo de todos deita raízes na ação do Espírito Santo de Deus, que trabalha tanto no ânimo dos 72 discípulos como nos corações dos que foram por eles evangelizados.

O termo que Jesus usa para se dirigir a Deus, nesse momento de sublime agradecimento, "Abba", era utilizado entre os hebreus apenas por crianças pequenas, quando, em total confiança, falavam com seu pai. Ele corresponde ao nosso "paizinho querido", usado por nossas crianças, e indica o grau de intimidade que liga Jesus a Deus Pai e a profunda confiança que circula entre o Pai e o Filho.

A causa da exultação de Jesus é exatamente porque Deus, em sua sabedoria e justiça sem limites, escolheu revelar seus mistérios não aos sábios e inteligentes deste mundo, mas aos pobres e pequeninos. A própria mensagem de Cristo não foi aceita nem pelos chefes e governantes do povo hebraico, nem pelos sacerdotes e doutores da Lei, mas unicamente pelos simples e ignorantes, pecadores e prostitutas do meio do povo. E aqui se encontra a grande novidade do messianismo de Cristo, que veio para confundir os poderosos e fazer triunfar os desprezados.

Conforme Jesus, a alegria dos discípulos deve ser grande também, porque estes foram capazes de ver as maravilhas operadas diante deles pelo Senhor da vida, enquanto muitos profetas e reis dariam tudo para ter visto e não viram. Assim, ver, escutar, acolher e viver o que Jesus realiza exige pureza de coração, pobreza interior, abertura e disposição para o novo de Deus.

Jesus continua hoje operando maravilhas diante do mundo e no seio de sua Igreja. Fazei de mim, Senhor, pessoa digna de vê-las, de vivê-las e de recebê-las no dia a dia de minha existência!

Quarta-feira da 1ª semana do Advento

📖 (Mt 15,29-37)

No Evangelho, Jesus sobe à montanha e começa a realizar muitas curas. De fato, para Mateus, a montanha é o lugar próprio da revelação do Senhor. Essa revelação se realiza ou por meio do anúncio de sua palavra, como no caso das bem-aventuranças, ou através de atitudes concretas que partem do coração bondoso do Senhor, como as curas e os milagres. De fato, Jesus é aquele que se apieda do seu povo e que traduz tal piedade por meio de evidentes sinais de amor aos mais necessitados.

O milagre da multiplicação dos pães aparece nos Evangelhos como um maravilhoso gesto para o qual convergem dois importantes elementos. De um lado, a figura do Mestre Jesus, marcada por profunda solicitude para com todos: "Tenho compaixão da multidão, porque já faz três dias que está comigo, e nada tem para comer. Não quero mandá-los embora com fome, para que não desmaiem pelo caminho". De outro lado, a figura dos discípulos, que, desconfiados, se põem a questão: "Onde vamos buscar, neste deserto, tantos pães para saciar tão grande multidão?".

Jesus, porém, mesmo diante da resistência deles, acaba provocando o milagre, embora

contando sempre com o pouco que eles próprios oferecem: "'Quantos pães tendes?' Eles responderam: 'Sete, e alguns peixinhos'". Ainda hoje, Jesus nos faz esta mesma pergunta: quanto tendes vós para pôr à disposição dos vossos irmãos necessitados? E quando, vencendo o egoísmo que nos aprisiona e o terrível vício de conservar as coisas só para nós, tomamos a coragem de oferecer aos demais aquilo que temos, o Senhor, então, olha para o nosso gesto com amor, abençoa e multiplica o que dispomos, fazendo sobre o pouco por nós oferecido o maravilhoso milagre da multiplicação!

Abra, irmão, seu coração e suas mãos para os necessitados. Tenha coragem de deixar Jesus realizar em você o milagre da multiplicação, e você verá que, além de você ter feito o bem ao próximo, Jesus jamais deixará que lhe falte absolutamente nada!

Quinta-feira da 1ª semana do Advento

📖 (Mt 7,21.24-27)

O Senhor, aqui, alerta contra a falsa ilusão de pensar que o Reino dos Céus se conquista apenas pronunciando seu nome. Claro que devemos pronunciar frequentemente o santo nome do Senhor, sendo isso nosso dever e salvação, mas não independente do concreto testemunho que, sobre ele, somos chamados a apresentar diante do mundo. O dever do cristão é falar o que vive e viver de acordo com o que fala. Pois muitos falam, mas não praticam, pondo-se em desacordo com o nome santo do Senhor. E tal coisa pode mesmo comprometer nossa eterna salvação!

É preciso, pois, em todo o tempo, realizar a vontade do Pai que está nos céus. Conforme nos assegura Jesus, essa é a base sólida da vida cristã. A prática da Palavra do Senhor equivale à construção da casa sobre a rocha, sem perigo de que a chuva, as enchentes e os ventos venham destruí-la. Quem, pois, cumpre a palavra, permanece firme; quem não a cumpre é como o insensato que edificou sobre a areia.

Na primeira leitura de hoje, Isaías 26,1-6, o Senhor apresenta-se como a cidade fortificada que dá segurança, cercada de muros e antemuro. Ele é a rocha na qual podemos confiar. Sobre essa rocha viverá um povo justo, cumpridor de sua vontade.

O texto do Evangelho de hoje nos conduz àquela mesma inspiração do Salmo 15(14): "Senhor, quem habitará na tua tenda? Quem repousará no teu monte santo? Aquele que caminha sem mancha e pratica a justiça, fala a verdade que está no coração, não provoca engano com sua língua, não faz o mal a seu próximo e não insulta seu vizinho. Ele tem por desprezível o malvado, mas honra os que temem o Senhor. Embora, ao jurar, tenha sido prejudicado, não muda; ele empresta seu dinheiro sem usura, e não aceita suborno contra o inocente. Quem faz essas coisas jamais será abalado".

Que o Senhor nos faça viver o tempo todo no fiel cumprimento de sua santa palavra!

Sexta-feira da 1º semana do Advento

📖 (Mt 9,27-31)

A cura dos dois cegos citados hoje no Evangelho de Mateus evidencia o poder de Jesus, que veio para sanar todos os males que atingem a humanidade, sejam eles do tipo físico, sejam do tipo psíquico. Ele é o que enfrenta a miséria humana com coragem e manifesta com simpatia ao homem combalido a misericórdia do Deus libertador. Todavia, esse milagre em concreto é concedido aos cegos, também graças à grande fé por eles demonstrada.

Observemos a invocação que os dois fazem a Jesus, que constitui uma verdadeira profissão de fé na função principal do Messias: "Tem piedade

de nós, filho de Davi!". De fato, o Messias, filho de Davi, é invocado em Israel como aquele que realiza prodígios a favor do povo, e o que se apieda dos que padecem. Os cegos, portanto, acertam quando se aproximam de Jesus e o invocam com fé, dando-lhe um título messiânico, pois bem sabem que cabe ao filho de Davi vir em socorro dos necessitados.

Por outro lado, no Antigo Testamento, tanto em geral como em particular, na profecia de Isaías, ter piedade do sofrimento do povo, sanar as feridas dos fracos e doentes, realizar prodígios em meio aos que padecem é sinal evidente da chegada do Deus salvador: "Então, os olhos dos cegos vão se abrir, e os ouvidos dos surdos desobstruirão. Então, saltará o aleijado como o cabrito, e a língua dos mudos vai cantar, porque a água jorrará no deserto, e rios, na terra seca" (Is 35,5-6).

Também nós fomos curados por Jesus de nossa antiga cegueira, também nós fomos purificados das manchas do pecado quando, por ocasião do batismo, a água e o Espírito nos lavaram de nossas culpas e nos regeneraram para a vida verdadeira. E, semelhantes aos dois cegos do Evangelho, graças ao poder do Messias, romperam-se os esquemas que nos aprisionavam e nos mantinham afastados dele.

Hoje, porém, nos perguntemos: como tenho vivido, a cada dia, meu batismo? Como tem progredido minha vida cristã? Que testemunho dou de Jesus e de seu Evangelho no ambiente em que me movo?

Sábado da 1ª semana do Advento

📖 (Mt 9,35–10,1.6-8)

O papa Francisco tem chamado atenção repetidamente para um elemento que deve presidir a existência e a conduta de toda a Igreja, não podendo ser desprezado de forma alguma por nenhum cristão. Trata-se da imperiosa necessidade de irmos até as pessoas, de nos anteciparmos aos encontros interpessoais, sem esperar que os outros nos procurem ou tenham que vir até nós. Essa difícil atitude de importância capital, sobretudo nos tempos atuais, passou a ser chamada de "Igreja em saída".

Temos aqui nada mais que a tradução daquilo que encontramos em inúmeras passagens do Evangelho e que, no texto de hoje, nos é apresentado de forma bem evidente por Mateus, quando diz: "Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino, e curando todo tipo de doença e enfermidade". Jesus não permanecia cômodo, à espera de que as gentes fossem até ele para receber a mensagem da salvação. Jesus se antecipava às pessoas, percorrendo quilômetros e quilômetros para encontrá-las, visitando cidades e povoados, praticando ativamente o ministério de anunciante do Reino.

Além disso, advertem-nos os Evangelhos, Jesus anunciava a palavra com autoridade, e não como faziam os mestres da Lei e os fariseus. Sua palavra contagiava as multidões, que o seguiam ávidas por ouvir a mensagem da salvação. Os ensinamentos e parábolas proferidos pelo Senhor se ligavam estreitamente à vida das pessoas e, por isso, eram escutados com atenção e muito amor.

Compadecido das multidões, que eram como ovelhas sem pastor, Jesus declarava aos discípulos: "A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao dono da messe que envie trabalhadores para sua colheita!". E, desse modo, os próprios discípulos ficavam comprometidos com o trabalho missionário, e buscavam vincular-se àquela que era e continua sendo a principal tarefa da Igreja: espalhar a Boa-nova a todos.

Iluminados por esse Evangelho, peçamos humildemente: Senhor, fazei de nós operários competentes e bem comprometidos com a difusão do vosso Evangelho no mundo de hoje. Amém!

Segunda-feira da 2ª semana do Advento

📖 (Lc 5,17-26)

Jesus, hoje, ensina e cura. Em torno dele, fariseus e doutores da Lei, vindos das aldeias da Galileia, da Judeia e de Jerusalém, observam-no atentamente para criticar. E, assim, enquanto as multidões acolhem Jesus com abertura, pois percebem nele sinais evidentes da presença do Altíssimo que se aproxima do seu povo, fariseus e doutores o cercam com a precisa finalidade de incriminá-lo.

Ali perto, um paralítico jaz sobre um leito, necessitado de cura e salvação. Aqueles que o conduzem pretendem levá-lo até Jesus, mas não conseguem entrar na casa em que ele se encontra, por causa da multidão. Os condutores do paralítico, então, sobem ao telhado e descem o paralítico com o leito através das telhas. Ao ver aquela cena, Jesus se admira da fé que move aqueles homens e diz ao paralítico: "Homem, teus pecados estão perdoados".

Tais palavras provocam grande murmuração entre os fariseus e escribas presentes, por identificar aí diversas transgressões cometidas por Jesus. Em primeiro lugar, quem mesmo pode perdoar pecados além de Deus? Jesus, então, blasfema ao se igualar a Deus. Em segundo lugar, conforme fariseus e doutores, o paralítico é um pecador amaldiçoado, pois ostenta no próprio corpo os sinais do castigo divino, e um renegado por Deus não pode receber o perdão. E, em terceiro lugar, sendo Jesus um simples leigo, não lhe é permitido nem realizar curas, nem declarar alguém curado. A função de determinar as curas, conforme a religião judaica, pertencia apenas aos sacerdotes.

Sendo, porém, mais fácil dizer com os lábios que alguém está perdoado do que fazer um paralítico andar, Jesus, então, ordena ao homem o mais difícil e lhe diz: "levanta-te, pega o leito e vai para casa". O paralítico levanta, toma o leito e sai à vista de todos. E o Senhor, assim, mostra ser ele o verdadeiro Messias de Deus.

Jesus é o Filho de Deus, enviado a fazer o bem e a sanar a miséria humana. E hoje nos convida a também nos colocarmos a serviço do bem de todas as pessoas.

Terça-feira da 2ª semana do Advento

📖 (Mt 18,12-14)

O Evangelho em geral continuamente nos chama a atenção para a atitude fundamental dos publicanos e pecadores, que acolhem solícitos os ensinamentos de Jesus, enquanto os mestres da Lei e fariseus estão sempre procurando motivos para criticá-lo e pô-lo em dificuldades. Jesus quase sempre é acusado por estes de infidelidade às normas religiosas, de ignorar as prescrições referentes à purificação e ao repouso sabático, de acolher pecadores públicos e de fazer refeição com eles. Nesse clima de denúncias, Jesus aproveita para contar-lhes algumas parábolas capazes de levá-los a uma reflexão mais profunda sobre a veracidade do amor de Deus.

Na parábola da ovelha perdida, oferecida no Evangelho de hoje, chama a nossa atenção o fato de o pastor ter animais em abundância, podendo tranquilamente dispor de muitos deles no caso de acontecerem perdas no rebanho. Afinal, as ovelhas aí citadas são cem. Perdendo-se uma, restam-lhe ainda nada menos que 99 ovelhas. Mas é exatamente aquela que se perdeu a que não deixa em paz o coração dele. Por isso, a atitude dele é guardar as 99 em lugar seguro e procurar a que se perdeu, até encontrá-la. E, satisfeito por tê-la encontrado, ele vai radiante celebrar aquilo que acha que foi um grande acontecimento.

Tal parábola é dirigida, em primeiro lugar, aos mestres da Lei e fariseus, pois estes, sentindo-se totalmente justos, acreditam não ter necessidade de conversão. São eles, porém, mais dignos de pena do que os demais. Completamente cegos de orgulho, não são capazes de experimentar a

necessidade da misericórdia e do perdão do Senhor. E, assim, a graça de Deus fica incapacitada de atingi-los. Condenando aqueles que eles consideram pecadores, condenam-se ainda mais por não acolher o perdão, nem para si, nem para os demais.

Nessa parábola, a afeição do Pai vai toda em direção a sua ovelha perdida. Imaginem, então, a explosão do amor de Deus quando um só de nós se converte e retorna para a amizade dele!

Quarta-feira da 2ª semana do Advento

📖 (Mt 11,28-30)

O Evangelho de hoje, com apenas três versículos, faz parte de uma unidade literária muito mais ampla e bastante bela do capítulo 11 de Mateus, em que Jesus agradece ao Pai por ter revelado a sabedoria do Reino aos pequeninos segundo o mundo e de tê-la escondido dos sábios e doutos da terra. Isso acontece porque só os pequenos são capazes de compreender profundamente e aceitar de coração as coisas de Deus.

De fato, o mundo religioso judaico da época de Jesus havia criado um sistema de leis, decretos e mandamentos extremamente duros, que eram impiedosamente impostos sobre os ombros do povo. E, conforme tal sistema, Deus cobrava com insistência o perfeito cumprimento de cada lei e decreto, premiando quem os realizava completamente e condenando quem não era capaz de cumpri-los. Jesus, porém, pregava uma resposta de amor, que dava muito mais ênfase ao que Deus fazia pelo povo, e não ao que o povo era ou não capaz de fazer por Deus.

Conforme Jesus, a infinita misericórdia divina alcança, sobretudo, aqueles que, segundo a compreensão dos mestres judaicos, já estavam condenados, porque eram incapazes de ler, compreender e cumprir tudo o que Deus deles exigia. Já a linguagem de amor, de solidariedade e de esperança que saía da boca de Jesus era facilmente entendida por pobres e pecadores. E estes vibravam de alegria quando ouviam Jesus falar.

O texto de hoje é um belíssimo convite de Jesus, que deseja acolher todos os que se sentem cansados e oprimidos pelo fardo da Lei. Em troca, ele promete um jugo suave e um peso leve. E isso nos leva a refletir sobre nossa existência cristã hoje em dia. Como tenho vivido os preceitos do Senhor? São eles resposta para seu amor por mim ou simples obrigações a cumprir para não perder seu favor? Dou testemunho, diante dos irmãos, do Deus-amor de Jesus Cristo ou do Deus-terror dos mestres da Lei e fariseus?

Quinta-feira da 2ª semana do Advento

📖 (Mt 11,11-15)

Na Igreja de ontem e de hoje, encontramos irmãos e irmãs que, mesmo sem ter grandes conhecimentos, são capazes de nos colocar bem perto de Deus, tanto por meio de uma palavra que dizem, num preciso momento da vida, quanto pelo extraordinário exemplo que são capazes de dar. Quem de nós não se recorda de já ter achado alguém que, numa ou noutra ocasião, nos marcou profundamente e nos fez acreditar mais no Senhor e em seu mistério? João Batista parece ser um destes que, por meio de seu modo de proceder, mostrou, com determinação, a muitos a estrada da verdadeira conversão.

Com razão, Jesus, hoje, proclama a superioridade de João sobre todos os homens que já nasceram e o insere em continuidade com os profetas do Antigo Testamento. Ele é maior que Abraão, que Jeremias, que Isaías, muito embora, em comparação com o Novo Testamento, dirá Jesus, o menor no Reino de Deus é maior do que João. Como compreender essa aparente contradição de Jesus a respeito do Batista?

João parece ter dúvidas sobre Jesus. Por isso, manda os discípulos perguntarem: "És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?" (Mt 11,3). Jesus, de fato, não correspondia à ideia que João fazia do Messias, pois ele aguardava um Messias rígido e severo, semelhante a um juiz potente e bem inclinado a condenar o mundo (Mt 3,7). Jesus, porém, surge manso, pacífico e disposto a acolher a todos. Por isso, a resposta que Jesus oferece a João é esta: "Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, o Evangelho é anunciado aos pobres...".

O Antigo Testamento não é mesmo capaz de fornecer luz suficiente para esclarecer toda a novidade do Deus de Jesus Cristo. E, dessa forma, o menor no Reino dos Céus é capaz de compreender muito mais coisas sobre Jesus do que o próprio João não conseguiu compreender.

E quanto a mim? Compreendo, de fato, quem é Jesus e qual é sua missão?

Sexta-feira da 2ª semana do Advento

📖 (Mt 11,16-19)

Jesus critica, hoje, a geração que se revela incapaz de participar do jogo da história. E se nega a ouvir a mensagem da salvação, a ver os prodígios realizados a favor de todos, e recusa-se a interpretar os sinais dos tempos. Ele os compara a crianças apáticas que se sentam nas praças e que resistem a admitir o que lhes é proposto. Eles não querem assumir nem um determinado comportamento, nem o contrário, e se põem a censurar uma coisa após a outra, revelando total falta de estímulo, de compromisso e de colaboração.

De fato, veio João Batista, que organizou sua existência de forma extremamente rígida, sem comer, nem beber, que deu testemunho de austeridade e clamou por conversão e por mudança de vida, e eles o rejeitaram, acusando-o de estar possuído por um demônio. Veio o Filho do Homem, que oferecia a graça e a misericórdia de Deus às pessoas e vivia em total comunhão com os irmãos, que acolhia os pobres e abandonados, e eles o tacharam de comilão e beberrão, amigo dos cobradores de impostos e dos pecadores.

Diante de tudo isso, Jesus conclui, referindo-se a si mesmo: "Mas a sabedoria foi reconhecida com base em suas obras". A sabedoria de Deus se revela na incomparável perfeição da Criação, nos fatos da história da salvação e, principalmente, na atuação de seu Filho, Jesus Cristo. Jesus é a expressão máxima da sabedoria de Deus derramada no mundo, e quem o acolhe, acolhe o Deus justíssimo, sapientíssimo e extremamente fiel a seu amor.

Evitemos, irmãos, perder nosso tempo, como fazem as crianças da parábola, lamentando que Deus fez ou deixou de fazer algo por nós. E, na certeza do seu amor, que jamais falha, alegremo-nos, porque Jesus encontra-se no meio de nós e nos leva a participar sempre do banquete eucarístico, o qual já antecipa, na terra, o eterno banquete que nos aguarda no céu!

Sábado da 2ª semana do Advento

📖 (Mt 17,10-13)

Jesus desce, com alguns de seus discípulos, do Tabor, onde acontecera a experiência luminosa da transfiguração. No monte, enquanto o Senhor era transfigurado, os discípulos viram Moisés e Elias, que conversavam com ele. Agora, enquanto desciam, surge a pergunta que, no texto do Evangelho de hoje, é dirigida a Jesus: "Por que os mestres da Lei dizem que Elias deve vir primeiro?".

Segundo a tradição, Elias foi raptado e levado aos céus numa carruagem de fogo, mas devia voltar para preparar o povo em vista da chegada do Messias. Após uma experiência tão forte da divindade de Jesus, como aquela acontecida no monte, os discípulos percebem que Jesus é mesmo o enviado de Deus, o Messias esperado, justificando a pergunta que agora lhe é dirigida.

Como resposta, Jesus confirma plenamente a tradição que corria no meio do povo sobre a volta de Elias, e apenas acrescenta que tal promessa já foi realizada, pois Elias já veio, mas não foi reconhecido, e, ainda, fizeram com ele tudo o que queriam. De forma muito semelhante será tratado o Filho do Homem, que também deverá sofrer. Nesse ponto, Mateus chama atenção para o fato de os discípulos terem compreendido logo que Jesus lhes falava de João Batista.

Israel esperava um profeta que preparasse a chegada do Messias, mas que exercesse tal função com força e poder. João, porém, apesar de desafiar os poderosos, pessoalmente não possuía poder algum. Além disso, ele dava testemunho de um Deus vigoroso, mas que não apresentava sinais de riqueza, prestígio ou dominação. Tal Deus convidava apenas a uma conversão profunda do coração e apostava na transformação pessoal do ser humano.

O martírio de João anuncia o martírio do próprio Filho de Deus, pois a missão de ambos se concretiza no sofrimento, na entrega pessoal, em total fidelidade à verdade. Ambos parecem ter experimentado uma grande derrota. Mas suas vitórias são garantidas não pelos homens, mas pelo próprio Deus.

Segunda-feira da 3ª semana do Advento

📖 (Mt 21,23-27)

O texto do Evangelho apresenta o conflito de Jesus com as autoridades religiosas judaicas logo após ele ter expulsado os vendilhões do templo de Jerusalém (cf. Mt 21,12-13). Sacerdotes e anciãos do povo desejam saber quem lhe havia dado autoridade para realizar tal gesto, e Jesus responde com sabedoria e firmeza.

Para compreender bem essa passagem, porém, é preciso ter em mente a situação pela qual passava a comunidade cristã dos anos 70 a 80 da nossa era, época em que o Evangelho segundo Mateus estava sendo escrito. A dominação romana, na região da Palestina, obrigava a população a se submeter às autoridades do império, e quem resistia era duramente acossado. A descrição do conflito que houve entre Jesus e as autoridades dava força aos cristãos perseguidos da época, ajudando-os a também resistir com bravura diante daqueles que os acusavam.

Importa perceber que Jesus não se nega a responder o que lhe perguntaram, e apenas demonstra grande habilidade e independência, quando diz: "Também eu vos farei uma pergunta. Se vós me responderdes, também eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. Donde vinha o batismo de João? Do céu ou dos homens?".

Trata-se de uma pergunta simples, mas cheia de esperteza. As autoridades religiosas de Israel não tinham aceitado João Batista, nem sua pregação. E, obviamente, eram da opinião de que seu batismo era dos homens, não de Deus. Mas eles não podiam revelar isso publicamente, e começaram a refletir: "Se dissermos: 'do céu', ele nos dirá: 'Por que não acreditastes nele?'. Se dissermos: 'dos homens', temos medo do povo, pois todos têm João Batista na conta de profeta". Acharam, então, que a melhor saída seria responder: "Não sabemos".

Trata-se, porém, de uma resposta oportunista e desonesta, que busca apenas escamotear a situação. E, diante dela, o Senhor percebe bem que eles não merecem nenhuma outra resposta, a não ser aquela que Jesus lhes dá: "Eu também não vos direi com que autoridade faço estas coisas".

Terça-feira da 3ª semana do Advento

📖 (Mt 21,28-32)

Conforme o texto, Jesus se encontra no templo de Jerusalém. Por isso, seus interlocutores são, sobretudo, sacerdotes e anciãos do povo. Estes já perceberam que o Deus que Jesus